

## Organização

CITCEM/FLUP

## Comissão Científica

Comissão Executiva do CITCEM

## Comissão organizadora

Carla Sequeira

Joana Lencart

## Contactos

CITCEM/FLUP

Tlf: 226 077 177

E-mail: oic.citcem@gmail.com  
citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

### Entrada Livre

[oiccitcem.wixsite.com/oficinascitcem](http://oiccitcem.wixsite.com/oficinascitcem)

# OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 21/22

SESSÃO 25  
[27.05.22 • 14h30]

PROPONENTES DA SESSÃO:

Carla Ribeiro

Amândio Barros

**«História, Memória,  
Identidade,  
Património»**

LOCAL: FLUP

Sala de Reuniões 1 [Piso 2]

## PROGRAMA

### 14h30 APRESENTAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

**14h35** *Patrimónios em risco: as questões da História, da*

*Memória e da Identidade* | Carla Ribeiro e Amândio Barros

**14h55** *Iberismo e identidade Nacional em Oitocentos* | Maria

da Conceição Meireles

**15h15** *História, política e cidadania: como lidar com o*

*passado?* | Luís Miguel Duarte

**15h35** *Os materiais da história naval: memória e património.*

*Os navios da Marinha Real Espanhola no século XVIII* | Juan

Marchena

15h55 Debate

16h15 Encerramento da sessão

## NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

### CARLA RIBEIRO

Doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a tese *Imagens e representações de Portugal. António Ferro e a elaboração identitária da Nação*, com pós-doutoramento pela mesma instituição, intitulado *SNI e SEIT (1944-1974): a história de uma instituição do Estado Novo*. Investigadora no CITCEM e no InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, da Escola Superior Politécnica do Porto. Professora-Adjunta na Escola Superior de Educação. As principais áreas de investigação inserem-se no quadro da História cultural contemporânea: políticas e organismos culturais dos regimes autoritários/totalitários, com enfoque no caso português, cinema português e turismo no Estado Novo, estudos folcloristas portugueses nos séculos XIX e XX, em ligação com as questões de identidade nacional, tendo publicado diversos artigos nestes campos.

### AMÂNDIO BARROS

Licenciou-se em História e especializou-se nas áreas da História Social e Económica e na História Marítima (área do seu doutoramento: *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares da Época Moderna*, prémio Almirante Sarmento Rodrigues da Academia de Marinha e Prémio Artur de Magalhães Basto de História da Cidade do Porto, Círculo José de Figueiredo). As suas publicações têm incidido nestes domínios, assim como nos da História da Cidade do Porto e Douro e História da Expansão, aos quais tem dedicado diversos trabalhos. É coordenador científico do Centro Interpretativo O Infante e os Novos Mundos, na Casa do Infante/Arquivo Histórico Municipal do Porto. Professor da Escola Superior de Educação do Porto, é pós-doutorado pelas universidades do Porto e de Valladolid, investigador do CITCEM-UP e membro efectivo da Academia de Marinha.

*Patrimónios em risco: as questões da História, da Memória e da Identidade*

Esta comunicação aborda dois casos de património relacionado com o mar em duas cidades portuguesas, Porto e Lisboa. Em Porto/Vila Nova

de Gaia, escolhemos um estaleiro naval que actualmente constrói embarcações tradicionais no rio Douro para fins turísticos, preservando as técnicas tradicionais de construção em madeira, e assumindo o património dos estaleiros medievais e modernos que existiam nesta zona portuária. Em Lisboa, decidimos apresentar um monumento construído durante o Estado Novo que glorifica as façanhas dos navegadores portugueses: o Padrão dos Descobrimentos, em Belém, junto ao rio Tejo, em frente ao Mosteiro dos Jerónimos. Escolhemos estes elementos patrimoniais porque são património em risco ou potencialmente em risco. O que nos interessa é destacar o facto de que, se ambos desaparecessem, uma memória histórica importante seria perdida nos locais públicos onde se encontram. Estão em risco de se perderem por várias razões; uma, devido à pressão dos interesses económicos, já que a zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia experimentou um forte impulso turístico e pretende-se que o espaço do estaleiro ceda lugar a um parque de estacionamento; o outro, por razões ideológicas, de pessoas e grupos que o vêem como um símbolo do colonialismo e da opressão dos povos africanos, um tema muito na moda hoje em dia, mas também como um espelho de uma ideologia ditatorial que elevou a heróis da pátria homens que, para aqueles que contestaram a ditadura, foram os iniciadores do mais longo império colonial europeu. Estamos interessados em apresentar estes exemplos como formas de discutir a importância do património como elemento da memória histórica e nacional, sem posições ideológicas; apenas da perspectiva do historiador, que deve olhar para o passado de forma neutra, procurando compreendê-lo, sem o julgar, sem o branquear e sem querer que seja diferente do que foi.

### MARIA DA CONCEIÇÃO MEIRELES

Professora associada com agregação do Departamento de História e Estudos Políticos e Internacionais da FLUP, onde leciona nos três ciclos de estudos. Diretora do Curso de Mestrado em História Contemporânea. Investigadora do CITCEM, coordenadora do Grupo de Investigação “Valores de Transição/Valores em Transição”. Na área de História Contemporânea tem mais de uma centena de trabalhos publicados em Portugal e no estrangeiro. Orientou mais de cinco dezenas de teses de Mestrado e Doutoramento, integrou vários projetos de Investigação, participou em numerosos encontros científicos nacionais e internacionais. Desde o seu doutoramento, em 1996 (A Questão Ibérica. Imprensa e Opinião 1850-1870), tem publicado vários trabalhos sobre iberismo, identidade nacional, relações entre Portugal e Espanha

### *Iberismo e Identidade Nacional em Oitocentos*

Apesar de remontar a tempos anteriores, a doutrina e os projetos iberistas ganharam particular acuidade no 3º quartel de Oitocentos, pelo que a “questão ibérica” assumiu foros de “questão nacional”, já que: i) colocou na ordem do dia o debate sobre a manutenção de Portugal como nação independente e acrisolou a reflexão sobre a identidade nacional; ii) dominou a opinião pública, derramando-se em praticamente todos os órgãos da imprensa periódica da época; iii) deu origem à publicação de uma prolixa e diversificada literatura a favor e contra; iv) provocou a criação da Associação 1.º de Dezembro, que inscreveu o ritual de comemoração da Restauração na liturgia cívica nacional e reivindicou a reorganização militar do país; iv) mobilizou largas camadas da população com manifestações em cenários tão diversos como a igreja ou a escola, o teatro ou a festa popular, a associação local ou a cerimónia pública; v) suscitou o reequacionamento das relações luso-espanholas a vários níveis.

### LUIS MIGUEL DUARTE

Na Faculdade de Letras desta cidade fez os seus estudos e toda a sua carreira académica, essencialmente em História Medieval. As suas áreas principais de investigação e publicação são a história urbana, a história política, a história militar e a história económica. Também se interessa e tem reflectido cada vez mais sobre temas genéricos de historiografia e das ciências sociais contemporâneas.

### *História, política e cidadania: como lidar com o passado?*

Num tempo em que as crises de identidade são generalizadas, desde o indivíduo ao país ou à ‘civilização’, a História e a Memória são um terreno privilegiado de intervenção e de combates ferozes, dentro da ideia tão repetida de que, para dominar o futuro, é preciso primeiro dominar o passado. Nesse campo de batalha, a própria História vem perdendo a sua especificidade. É em torno disto que tentarei acrescentar algumas dúvidas e defender umas poucas convicções, como historiador profissional ‘em últimas exibições’.

### JUAN MARCHENA

Doutor em História da América Latina (Universidade de Sevilha, 1979). Professor de História Americana na Universidade Pablo de Olavide de Sevilha e diretor da área de História Americana e dos programas de mestrado, doutorado e pós-doutorado naquela universidade. Autor de mais de cento e cinquenta trabalhos de pesquisa publicados na Espanha, Europa, Estados Unidos e América Latina. Autor em algumas das principais obras de referência da história da América Latina. Professor convidado em mais de quarenta universidades europeias, latino-americanas, norte-americanas, africanas e japonesas. Pertence a numerosos conselhos académicos e editoriais de prestigiadas revistas internacionais de pesquisa da JCR. Pesquisador principal em vários projetos de excelência RISE 2020 da União Europeia, nos Mundos Atlânticos e Oceânicos e Circum-Caribe, e mais dois projetos do Plano Nacional de Pesquisa do Espanha sobre cidades do Atlântico e Caribe. É Doutor Honoris Causa pelas universidades de Cartagena (Colômbia), Catamarca (Argentina), La Rioja (Argentina) Nacional Del Altiplano (Puno, Peru), Nacional de Trujillo (Peru) Nacional de La Rioja (Argentina) e Universidade Nova de Lisboa. Membro da Real Academia de História da Espanha e das Academias de História do Equador, Colômbia e Bolívia e da Marinha de Portugal. Forma parte do Conselho de Solidariedade Internacional José Martí do UNESCO, e é Coordenador da Rede Mundial de Universidades Magalhânicas.

*Os materiais da história naval: memória e património. Os navios da Marinha Real Espanhola no século XVIII*

Ao longo do século XVIII, a Marinha Real Espanhola construiu 420 navios e fragatas de alto bordo em estaleiros espanhóis capazes de manter uma guerra oceânica de longo prazo, das Filipinas ao fundo do Mediterrâneo. Ao longo do século, estes navios foram desaparecendo em naufrágios e batalhas, sendo afundados ou aprisionados, ou desmantelados em portos, como inúteis para a navegação e menos ainda para o combate. Assim, todo esse enorme capital material desapareceu muito rapidamente, do qual agora restam apenas poucos fragmentos a maioria ainda em destroços submersos, outros nos antigos arsenais e estaleiros enterrados entre novas obras, e, fundamentalmente, uma enorme memória imaterial e coletiva que deve ser estudada e cujo resgate é urgente.